

Educação. Apesar do aumento da oferta desses cursos – o número de vagas no País cresceu 45% em dois anos –, companhias como Petrobrás, Caixa Econômica Federal, EMTU e Metrô de São Paulo excluem os tecnólogos dos editais de seus concursos públicos

Empresas estatais vetam profissionais formados em cursos tecnológicos

Luciana Alvarez

Profissionais formados em cursos superiores tecnológicos – como os da Faculdade de Tecnologia de São Paulo (Fatec) – enfrentam dificuldades de acesso ao mercado de trabalho por não terem o título de bacharel. Apesar dos discursos favoráveis de governos e especialistas, empresas estatais, como Petrobrás, Caixa Econômica Federal, EMTU e Metrô de São Paulo, excluem os tecnólogos dos editais de concurso público.

A oferta de cursos superiores tecnológicos vem crescendo no País, em grande parte incentivada pelos governos federal e estaduais. Em apenas dois anos, de 2006 a 2008, o número de vagas desses cursos cresceu 45%, segundo os dados mais recentes do Censo da Educação Superior do Instituto de Pesquisas Educacionais (Inep). Os alunos da graduação tecnológica representam 10% do total de matriculados no ensino superior.

Um dos motivos da exclusão dos tecnólogos dos quadros de funcionários é a lentidão no processo de mudança de algumas companhias, acredita a professora de gestão de pessoas da Fundação Getúlio Vargas Anna Cherubina Scofano. “Temos alguns elefantes brancos que não se atualizam. Seria preciso mexer em práticas já institucionalizadas e fazer uma análise de mercado e dos cursos”, afirma. “Mas grande parte do mercado aceita bem, porque dá enfoque para as competências.”

Marcus Soares, professor de gestão de pessoas do instituto Inaper, atribui o fenômeno em grande parte a um “mal entendido”. “Há uma confusão com a nomenclatura da profissão, que cria uma interpretação incorreta de que é um curso técnico, de menos valia”, afirma. “Quando

● **Alcance**
464.108
alunos estavam matriculados em graduações de tecnologia no País em 2008, segundo o MEC

uma empresa contrata, quer sempre alguém com formação melhor do que exige a posição. Isso também pode contribuir para a discriminação.”

Segundo o professor, a discriminação tende a diminuir a médio e longo prazo por causa do chamado “apagão de mão de obra”. “O mercado pode ser forçado a mudar. Se aumentar a demanda por mão de obra e as companhias quiserem preencher seus cargos, elas vão ter de aceitar os tecnólogos.”

Para o presidente do Sindicato dos Tecnólogos, Décio Moreira, a reserva de mercado de outras categorias também causa dificuldades aos formados. “A empregabilidade dos cursos é alta, mas a questão é o tipo de responsabilidade que nos deixam assumir. Um tecnólogo está completamente apto em sua área de formação, mas nem sempre isso é reconhecido”, diz.

O tecnólogo em instalações hidráulicas José Eduardo Radaelli

enfrentou problemas com o Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de São Paulo (Crea-SP). “Precisei en-

Em São Paulo, Fatecs formaram 3,8 mil em 2009

● **O número de formados nas Faculdades de Tecnologia (Fatecs) no Estado de São Paulo vem crescendo a cada ano. Foram 2,5 mil em 2007, 3 mil em 2008 e 3,8 mil em 2009.**

E as cifras devem continuar aumentando: em 2011 começam as aulas em mais quatro graduações, como a de Processos Químicos.

A tendência de expansão se repete no âmbito federal: eram 11,9 mil vagas em 2007 e hoje elas chegam a 37 mil.

Imagem

trar na Justiça. Em 2005, consegui uma liminar que me autorizava a assinar projetos na minha área”, contou. Mesmo com as dificuldades, Radaelli não se arrepende da opção por um curso tecnológico. “Apesar da discriminação, recomendo plenamente o curso.”

Natural. O coordenador de Ensino Superior do Centro Paula Souza (que mantém as Fatec), Angelo Luiz Cortelazzo, diz que a dificuldade com os órgãos de classe é natural. “Toda nova profissão tem dificuldade em se estabelecer. Isso vai melhorar com a ocupação dos espaços corporativos pelos tecnólogos.”

Cortelazzo acredita que uma postura mais correta das instituições de ensino também ajudaria a classe. “Às vezes são as próprias faculdades que fazem propaganda dos cursos de tecnologia como ‘rapidinho’, dizem que você pode em seguida fazer uma graduação ‘plena’”, critica.

Carga horária e formato diferem, diz Petrobrás

A Petrobrás informa que não aceita tecnólogos em seus processos seletivos porque “para a empresa, existem diferenças nos diplomas de graduação de ensino superior, seja quanto à carga horária, seja quanto à abrangência de atuação”. “O currículo de bacharel atende à companhia, visto que contém disciplinas importantes para o exercício de atribuições na indústria do petróleo”, diz a nota.

A Caixa Econômica Federal explicou que abre concursos para técnico bancário, para os quais não há exigência de curso superior, e para carreiras como advogado, arquiteto, engenheiro. Nesses casos, “exige-se di-

GLOSSÁRIO

● **Graduação tecnológica**
Curso de nível superior que visa a formar profissionais altamente especializados para atender campos específicos do mercado de trabalho. Ensino costuma ter enfoque prático, com estágio supervisionado. Duração oscila entre 2 e 4 anos. Permite entrada em mestrado e doutorado.

● **Bacharelado**
Graduação superior mais tradicional, que oferece uma formação ampla, contemplando teoria e prática. Curso pode durar de 4 a 6 anos e permite entrada em programas de mestrado e doutorado.

● **Licenciatura**
Curso de nível superior para a formação professores da educação básica. Inclui matérias focadas em aspectos pedagógicos e estágio obrigatório. Permite entrada em programas de mestrado e doutorado.

ploma” e também o registro em órgão de classe.

A Empresa Metropolitana de Transportes Urbanos de São Paulo (EMTU) informou que define o perfil profissional mais adequado às suas necessidades de pessoal, conforme permite a legislação vigente. “A condição de gestora e não de operadora do sistema intermunicipal de transportes faz com que cargos de graduação superior com maior carga horária sejam mais adequados à natureza da empresa”, afirma o texto enviado ao Estado.

A Companhia do Metropolitanano de São Paulo (Metrô) informou estar aberta à contratação de tecnólogos no futuro. /L.A.